

A CRÍTICA SOCIAL E EDUCACIONAL DOS FILOSOFOS CLASSICOS GREGOS

THE SOCIAL AND EDUCATIONAL CRITICISM OF GREEK CLASSICAL PHILOSOPHERS

Cloves Barbosa¹

Armando Wilson Tafner Junior²

Resumo: Este artigo apresenta uma breve discussão sobre o pensamento dos filósofos clássicos da Grécia sobre questões sociais e as divergências com os sofistas. O texto tem o objetivo de apresentar os fundamentos da concepção filosófica clássica relacionados com as questões sociais. As divergências entre filósofos e sofistas não se resumem em questões de opiniões acerca da realidade socioeconômica, política e cultural, mas, apresenta pontos de vista sociais opostos que se relacionam com uma fundamentação epistemológica na elaboração, limites, e a relevância dos conteúdos que se apresentam com o status de ciência (filosófica).

Palavras-chave: Filosofia grega, sociedade em mudança, educação, epistemologia.

Abstract: This paper introduce the them about relationship between classics greeks philosophy thing and social problems view. That problems are importante that it shows the divers position between philosophy and sofists during the high greek people age. This problems presente the them between

1 Doutor em Ciências Sociais (Política) pela PUC-SP, e, professor da Faculdade de Ciências Sociais (ICH) Unifesspa, Marabá, e do Mestrado PROFSOCIO. CV: <http://lattes.cnpq.br/3601523254313657>. Contato: cloves@unifesspa.edu.br.

2 Doutor em Economia pelo NAEA (Núcleo de Altos Estudos da Amazônia/ UFPA), e, professor da Faculdade de Ciências Sociais (ICH) Unifesspa, Marabá, e do Mestrado PROFSOCIO. Contato: armandojr@unifesspa.edu.br.

philosophy and sofista about social, economic, and cultur problems during political and social changes into classics Greeks.

Keywords: Greek philosophy, social changes, teaching, epistemology.

INTRODUÇÃO

Este texto versa sobre a dinâmica da crítica social que está consolidada nas obras dos pensadores clássicos gregos. O objetivo do texto é apresentar a diferença fundamental entre a posição social e teórica dos filósofos e a posição social e teórica dos sofistas. A metodologia utilizada é qualificativa com base nas principais obras dos filósofos clássicos e os seus debates com os chamados sofistas.

Os escritos de Isócrates que são mais conhecidos estão publicados com o título de Discursos. Ele foi o primeiro filósofo de destaque durante a guerra do Peloponeso entre a cidade-estado Esparta aristocrata e a cidade-estado Atenas. Os livros de Aristóteles que foram encontrados depois do livro sobre a Física não possuíam título, e, por isso, foram qualificados como Metafísica. Estes livros sem títulos, e por isso, são identificados pela sequência numérica. Eles totalizam quatorze (14) livros conforme o quadro a seguir:

Quadro nº 1 - Relação dos livros conhecidos com o título de Metafísica de Aristóteles.

| | | | | | | | | | | | | | |
|----------|---|--|--------|---|--|--------|---|--|-----------------|---|--|-----------------|---|
| Primeiro | A | | Quarto | Γ | | Sétimo | Z | | Décimo | I | | Décimo terceiro | M |
| Segundo | A | | Quinto | Δ | | Oitavo | H | | Décimo primeiro | K | | Décimo quarto | N |
| Terceiro | B | | Sexto | E | | Nono | Θ | | Décimo segundo | Λ | | | |

FONTE: ARISTÓTELES. Metafísica. In. REALE, 2005a, 2005b, 2005c.

Aristóteles possui vários outros livros que são divulgados por meio de seus títulos. A obra de Platão também é conhecida através dos seus títulos próprios.

OS CLASSICOS GREGOS CONTRA OS SOFISTA

O contexto social e filosófico

Os filósofos gregos cujas produções são relevantes para a relação entre epistemologia e sociedade são: Isócrates, Platão e Aristóteles.

A contribuição do filósofo Isócrates para se constituir uma visão sobre os fundamentos do conhecimento crítico na filosofia e nas ciências humanas é de grande relevância. Isócrates viveu de 436 a 338 a.C. em Atenas. Platão viveu de 427 a 347 a.C. Aristóteles viveu de 385 a 347 a. C. No contexto das divergências socioeconômicas gregas. Isócrates registrou com exemplos da postura filosófica com aspectos mais práticos da vida social, política e econômica do que teóricos como em Platão e em Aristóteles. Estes três filósofos clássicos desenvolveram os temas que estiveram, ora num terreno comum, ora com grande interseção entre os conteúdos e os contrapontos apresentados por eles (PLATÃO 2007; ARISTÓTELES 2010). O grande evento marcante para a Grécia para a vida destes filósofos foi a guerra do Peloponeso, confrontando socioeconômica e politicamente a aristocrata Esparta e a democrata Atenas ocorrida de 431 a 404 a.C, que ainda é relevante nos estudos das relações internacionais.

A interseção mais consistente e mais relevante entre os filósofos citados acima está nas identificações e nas qualificações dos chamados sofistas. Etimologicamente, o termo sofista tem o sentido de poeta (GUTHREI,1995, p. 33). O emprego mais antigo do termo sofista era muito próximo e, até mesmo, sinônimo de filósofo. As distinções entre os dois tipos de pensadores se tornaram mais destacadas quando os sofistas assumiram a postura epistemológica tendendo ao fenomenologismo, o que acarretou implicações interseccionais entre ontologia e epistemologia (LAERTIOS, 2008. p. 13-18).

A contribuição de Isócrates foi criação do conceito de sicofanta, cujo conteúdo indica e aponta o posicionamento social, cultural, político e econômico de bajulador em relação aos interesses, ações e projetos, e, sintonia e consonância com (membros da) classe socioeconômica dominante de uma sociedade local ou mundial (ISÓCRETES, 1979).

Os sofistas e os filósofos

O grande confronto epistemológico que está presente na filosofia clássica grega é o que ficou registrado entre os filósofos e os sofistas. Este tema aparece, tanto nos escritos de Isócrates quanto de Platão e Aristóteles.

Isócrates qualifica os sofistas, primeiramente como “fanfarrões e sem reflexão” quanto ao que procuram sustentar. Eles falam exageradamente na transmissão dos temas que abordam, e, para isso, usam da habilidade adquirida na arte da retórica. Em segundo lugar, “chegaram ao atrevimento de tentar convencer os jovens de que, se relacionando com eles saberão o que se deve fazer para ser felizes, estabelecidos como mestres e donos destacados de bens, e, não se envergonham de pedir em troca dessa transmissão, três ou quatro minas”. As promessas de sucesso na vida social, econômica e política são acompanhadas da exigência de elevado pagamento em dinheiro pelos conteúdos secundários. O vínculo entre os conteúdos que transmitem e o sucesso que supostamente decorre da apropriação do que prometem ensinar faz com que os sofistas se concentrem na expectativa pessoal e desconsideram a necessidade da crítica às situações reais. Eles ainda prestam falsos testemunhos nos tribunais e são trapaceiros. E, sintetiza: “Os sofistas, que apareceram recentemente tem se caracterizado pela jactância e exageros e se dirigem por estes princípios”. Portanto, os sofistas caracterizam-se pela arrogância e pelo exagero nos conteúdos que divulgam, são despreocupados com a relação entre afirmações teóricas e a realidade social (ISÓCRATES. Contra os sofistas (XIII), 1, 3 e 19. In. Discursos I. 1979, p. 158, 159 e 163).

Contraopondo aos sofistas, os filósofos são qualificados como “consistentes no que sustentam”,

e comedidos no que apresentam como conteúdos aos seus discípulos. Os filósofos se dedicam com esmero no que tentam conhecer sobre a realidade socioeconômica, cultural e política e possuem como objetivo primordial a “formação equitativa” quanto aos conteúdos apresentados aos seus discípulos com as consequências socioeconômicas deste posicionamento, e deixam a retórica numa importância menor. Esta caracterização faz com que os filósofos nunca se envolvam com os conteúdos e nem as posturas sicofantas tanto na prática quanto nas elaborações teóricas (ISÓCRATES. *Contra os sofistas* (XIII), 1, 21. In. *Discursos I*. 1979, p. 158, e 64).

O termo sicofanta (ζυκοθαντα) é composto de um radical precedido de dois prefixos, conforme está exposto a seguir: a) o prefixo grego si (σι), como em português, indica direção, sintonia, sentido, O prefixo ko também possui o mesmo significado atual. Co (κο) indica conjunção, ação conjunta, união. O radical fanta (θαντα) é o conteúdo de um discurso, pronunciamento. O contexto em que o termo sicofanta é utilizado por Isócrates revela o seu conteúdo socioeconômico, político e cultural (PEREIRA, 1984, p. 1015).

Quando Lisandro proclamou que haveria pena de morte para os que transportavam trigo [Atenas foi bloqueada no final da guerra do Peloponeso], nos comportamos tão bem com a cidade que quando os demais não se atreviam a levar nem o próprio trigo, obtínhamos o que vinha por mar para eles e o levávamos a Pireo (...). Quem de vós não sentiria pesar, se não imediatamente, se pouco depois, se viesse o sicofanta convertido em rico, e me despojasse também deste dinheiro? (ISÓCRATES. *Recurso contra Calímaco* 61 (...), 64. In. *Discursos I*. 1979, p. 87 e 88).

Isócrates relata alguns acontecimentos em que Calímaco aproveita da situação de perda da democracia com o domínio da oligarquia espartana sobre Atenas para obter proveitos próprios e prejudicar os cidadãos indefesos, e, em dificuldades de sobrevivência. Além de se aproveitar das condições de dominação socioeconômica, Calímaco se transformou em delator dos que burlavam o controle espartano sobre o transporte de trigo para Atenas com o objetivo de provocar uma crise de desabastecimento e abala a legitimidade do regime democrático para leva-lo à derrota bélica,

socioeconômica e política. Calímaco ainda colaborava com perseguições políticas dos oligarcas que visavam colapsar as resistências atenienses no final da guerra do Peloponeso. A postura sicofanta resultou na defesa das vantagens de aliança com a classe oligarca dominante em Atenas após a sua submissão à tirania espartana com Lisandro. Calímaco se tornou um sicofanta da classe aristocrata ao assumiu posicionamentos antipopulares e antidemocráticos: uma postura antipopular, e bajulador dos dominantes. A postura sicofanta implica, epistemologicamente, na perda dos conteúdos críticos das produções teóricas e práticas, com acomodação e adaptação às situações de dominação e exploração de classes, e, suas variações de cada momento e de lugar. As condições reais implicam profundamente nas posições teóricas dos produtores de teorias (ISÓCRATES. Recurso contra Calímaco 14, 16, 17, 23, 37, 48, 61-62, 64. In. Discursos I. 1979, p. 76, 77, 81, 87 e 88).

Platão e os sofistas

Platão destaca o sofista mais influente, e, aponta os fundamentos a serem observados quanto ao aspecto epistemológico e se distingue de Protágoras, em Atenas. Platão se dirige ao discípulo Teeteto definindo os fundamentos da produção de um texto filosófico. “O fato é que agora, meu amigo, facilmente nos encontramos constrangidos a fazer afirmações tanto fantasiosas quanto ridículas, tal como Protágoras e todo aquele que adotasse sua opinião o fariam” (PLATÃO. Teeteto, 154b 8-10. 2007a, p. 61). Platão sustenta a necessidade de partir da realidade para os atos de filosofar. A substância (coisas eventos e seres) podem provocar os componentes da razão humana. A Filosofia resulta de uma postura teórica que se refere a uma realidade observada e provocante. “Para a filosofia só existe um começo: a perplexidade (...). Sendo as coisas como são - visto que somos pessoas comuns - desejamos em primeiro lugar sondar a essência real de nossos pensamentos e averiguar se harmonizam entre si ou se de modo algum é o que acontece” (PLATÃO. Teeteto, 155d 4, e, 154e 4-7. 2007a, p. 62 e 63).

A preocupação em tomar a realidade como ponto de partida resulta num dos procedimentos que possibilitam evitar as fantasias, que fastam pessoas e suas elaborações teóricas das relações com

a concretude. A coisa concreta se constitui, primeiramente, de uma essência própria e se manifesta de diversos modos provisórios com tempos e lugares variados. “Não tenho como contestar que os que estão enlouquecidos ou sonhando têm falsas opiniões quando alguns deles julgam ser deuses, ao passo que outros em seu sono imaginam que possuem asas e estão voando” (PLATÃO. Teeteto, 158b 1-5. 2007a, p. 67). Então, ele toma partido diante do pensamento de Protágoras. “Minha percepção é para mim verdadeira, já que em todos os casos trata-se de uma percepção que é sempre parte de meu ser. E sou – como o afirma Protágoras – o juiz da existência daquelas que não são para mim” (PLATÃO. Teeteto, 160c 9-14. 2007a, p. 71). Com isso, Platão esteve em condições de se diferenciar de Protágoras, que enquanto esnoba sabedoria - reduzindo-a a seus próprios pensamentos e opiniões - usando-a como forma de se enriquecer sem sustentar algo efetivamente real, e com isso, procura agradar a plateia, validando e exaltando conteúdos insignificantes como sendo epistemologicamente relevantes.

Se tudo o que o indivíduo julga com base na percepção é para ele verdadeiro (...), como conceber, que Protágoras era um sábio, tão sábio a ponto de ser bem remunerado, e por que nós, ignorantes, precisamos ser discípulos dele se toda pessoa é a medida de sua própria sabedoria? Seria possível evitarmos a conclusão de que Protágoras estava “agradando a plateia” ao dizer isso? (PLATÃO. Teeteto, 161d 1, 9-10, e, e 1-6. 2007a, p. 73-74).

Platão revela para seu discípulo que a postura teórica sofista, especificamente referindo-se a Protágoras, que, além das inconsistências dos conteúdos que procura transmitir, não passam de afirmações baseadas nele mesmo, e, por isso, demasiadamente subjetivistas. O princípio de Protágoras de que “o homem é a medida de todas as coisas” implica em duas consequências fundamentais: 1) faz com que os seus pronunciamentos e os conteúdos que ensina baseiam-se nele mesmo; 2) os conteúdos que Protágoras apresenta não comporta nenhum compromisso com a verdade, mas, com suas elaborações fantasiosas, e, tudo faz para agradar às pessoas que o ouvem, e, assim, obter dinheiro. Com isso, Protágoras reduz a produção teórica aos interesses pessoais e imediatos sem se preocupar com a sustentabilidade real da teoria relacionada com a concretude do que submete às considerações

que compõem o próprio saber (PLATÃO, 2007).

Estas considerações de Platão são os fundamentos da sua distinção entre um sofista e um filósofo. O sofista difunde subjetividades e fantasias como se fosse uma sabedoria da qual procura sobreviver e se enriquecer com quem paga para ouvi-las e assimilá-las. Platão cita Protágoras: “o que parece para mim é para mim, e o que parece para ti é para ti” (PLATÃO, Teeteto, 152a. 2007a, p. 52). As produções teóricas de Protágoras, o sofista, partem do próprio teorizante com os seus interesses exclusivamente pessoais. Ele permanece na superficialidade das primeiras impressões percebidas de algo que se manifesta no momento passageiro e subjetivista. O filósofo, ao contrário do sofista, toma a realidade como ponto de partida para as suas teorizações, se admira e se espanta com o que observa, dialoga com outros filósofos e seus discípulos, e produz teorizações a partir das relações entre a sua concepção das coisas e os seus próprios movimentos na busca da composição de sua essência. O filósofo relaciona a própria postura teórica (subjetividade) com a realidade (coisa) que procura analisar (produz conhecimentos) (PLATÃO, 2007).

Os diálogos platônicos sobre o conhecimento são embasados no compromisso epistemológico com a busca, a sustentação, e, o ensino da verdade. Teeteto é apresentado a Sócrates como alguém desprendido com relação ao dinheiro, teve suas propriedades dissipadas por procuradores, e, está disposto a participar dos diálogos filosóficos. Esta condição quanto a perda dos bens é um indício das circunstâncias atenienses causadas pela guerra do Peloponeso (PLATÃO. Teeteto, 144 d 1-2. 2007a, p. 44).

Sócrates é rigorosamente compromissado com a verdade enquanto responsável pelos conteúdos apresentados nos diálogos entre quem ensina (Sócrates) e quem aprende (Teeteto) conforme a elaboração platônica. Ele questiona partindo do estágio em que encontrou um discípulo e o fará elevar o grau de conhecimentos sobre o conteúdo em discussão. Sócrates faz com que o discípulo Teeteto supere a concepção herdada de Protágoras (sofista) de que cada pessoa elabora o conhecimento de algo se restringindo às impressões do fenômeno, ou seja como a coisa se manifestou. Este procedimento platônico é um exercício da maiêutica (PLATÃO, 2007).

A descrição que fizeste do conhecimento, coincidindo com a que Protágoras costumava apresentar, somente com a diferença de ter dito o mesmo de outra firma. De fato, declara em algum lugar que o ser humano é a medida de todas as coisas, da existência das coisas que são e da não existência das coisas que não são (PLATÃO. Teeteto, 151 e 7-10, e 152a 2-5. 2007a, p. 56-57).

A herança dos ensinamentos do sofista Protágoras necessitava ter seus limites desvendados. Platão toma o vento como exemplo, e as sensações que ele pode provocar nas pessoas, e, diferenciar a postura sofista da postura epistemológica dos filósofos.

O próprio vento, em si mesmo, é frio ou não frio, ou devemos experimentar frio, sob o sopro do mesmo vento, um de nós experimenta frio, enquanto outro não? Ou que um de nós sente um ligeiro frio, ao passo que o outro sente um frio intenso? (...). Então também parece frio, ou não, a cada um dos dois? (...). Mas parece [φαίνεται, verbo: φαίνω), substantivo: φαινόμενον (fenômeno)] significa ser? (PLATÃO. Teeteto, 152b 7-15. 2007a, p. 57).

A concordância de Teeteto com a premissa fundamental de Protágoras o levava a assumir a manifestação da coisa com a própria coisa em si, com uma epistemologia e concepção subjetivista que suplanta a elaboração do conhecimento e a circunscrição da elaboração teórica ao fenomenologismo (LAERTIOS, 2008, p. 18; GUTHRIE, 1995, p. 13). Platão aponta o limite da concepção epistemológica de Protágoras, do seguinte modo: “Então aparição [φαντασια (fantasia) e percepção são a mesma coisa no que toca ao calor e todas as coisas desse tipo. Conclui-se que como cada indivíduo percebe as coisas, assim são elas para cada indivíduo” (PLATÃO. Teeteto, 152c 1-5, 2007a, p. 57). Tudo o que está sendo submetido a uma análise se constitui de uma substância (ser) que se sustenta na essência e se manifesta de diversos modos no tempo e no espaço. Ele considera as coisas em movimento, e, assim, a fixação numa forma de manifestação se constitui numa falha imperdoável em análises consideráveis (PLATÃO, 2007).

[O que realmente procede] é que as coisas das quais afirmamos o ser encon-

tram-se num processo de vir-a-ser a partir do movimento, da mudança e da combinação mutua. incorremos em erro quando dizemos que elas são, uma vez que nada jamais é, mas está sempre vindo a ser (...). A teoria encontra ampla ratificação em que o movimento é a causa do que passa a ser, isto é, do vir-a-ser, ao passo que o repouso é a causa do não-ser e da destruição. Há evidência de que o calor ou fogo, que é o gerador e preservador de todas as outras coisas, seja ele próprio gerado pelo avanço e pelo atrito, estes sendo formas de movimento. ou não pensas que eles são a fonte do fogo? (PLATÃO. Teeteto, 152d8-12, e 1, 10, e, 153a 4-10. 2007a, p. 58-59).

Platão parte das coisas em movimento que podem ou não serem percebida nas avaliações teóricas e/ou práticas. Platão (1987) aponta a condição de “vir-a-ser” (mudança, transição) das coisas com implicações entre a ontologia, epistemologia e ação: a) “indagar sobre a essência em si” (A República. Liv. VII. 524c 7. 1987, p. 335), e ver a mesma coisa “como unidade e como ilimitada multiplicidade” (A República. Liv. VII. 525c 2-4. 1987, p. 334), e, que “conduzem simultaneamente à reações contrárias” (A República. Liv. VII. 523c 1-2. 1987, p. 332); b) “contemplar o céu” (A República. Liv. VII, 516a, 9. 1987, p. 319), e, “ter uma vista de conjunto” (A República. Liv. VII, 537c 7-9. 1987, p. 356); c) visando obter “o belo, o bom e o Justo” (A República. Liv. VII. 520c 6-7. 1987, p. 326). Com isso, supera-se a mera opinião: “O sofista possui relativamente a tudo (a todos os assuntos) é uma espécie de conhecimento baseado na mera opinião, e não conhecimento verdadeiro” (PLATÃO. Sofista. 233c 13-16. 2007b, p.185).

A chamada maiêutica socrática

Platão faz uma contraposição tanto ao princípio do pensamento quanto a pedagogia enfrentando o maior expoente sofista: Protágoras.

1) Platão expõe os dois princípios seguidos pelos filósofos: “‘Conhece a ti mesmo’, e ‘Nada em excesso’”. E, finaliza ressaltando sua herança filosófica: “Com que propósito digo tudo isso? A fim de mostrar que a antiga filosofia tinha como estilo a brevidade lacônica” (PLATÃO. Protágoras, 343b

6-8. 2007c, p. 295s).

2) Platão nega o procedimento sofista que “na conversação sua contribuição é inexpressiva, mas não tardará para que, em algum ponto da discussão, ele venha com uma observação notável, curta e concisa, mas como um projétil letal que leva o interlocutor a se sentir como uma criança indefesa” (PLATÃO. Protágoras, 342e 1-6. 2007c, p. 295).

A concepção filosófica da educação está no diálogo entre Sócrates e Teeteto. Assim como acompanha a mãe que gera um novo ser, também o discípulo produz conhecimentos nas condições proporcionadas por parte de quem se dispõe a ensinar. O jovem Teeteto estava sendo influenciado pelos sofistas. Platão toma a realidade como um fundamento pedagógico desde o seu início com relações harmônicas. “Não eduques as crianças pela violência, mas a brincar” (PLATÃO. A República. Cap. VII, 536e 7 - 537a 1-2. 1987, p. 355). A prática produtora de conhecimentos efetiva-se com epistemologia comprometida na obtenção de resultado social, humano e verdadeiro. “O conhecimento é a capacidade de revelar alguma característica que estabelece a diferença existente entre o objeto em pauta e todos os demais” (PLATÃO. Teeteto, 208c 10-23. 2007a, p. 152). Mas, não se consegue conhecer tudo o que existe (PLATÃO. Sofista, 233b 3-6. 2007a, p. 184).

Um exemplo desta circunstância pedagógica e epistemológica é o registro da posição platônica registrada nos diálogos socráticos sobre o conhecimento (PLATÃO, 2007).

O que há de mais expressivo na minha arte é a capacidade de testar, de todas as maneiras possíveis, se o intelecto do jovem está gerando uma mera imagem, uma falsidade, ou uma genuína verdade (...). E se, após ter eu examinado o que dizes, acontecer de concluir que se trata de mero simulacro e não de algo real, o que me levará a toma-lo de ti e descartá-lo (...), porque me é inteiramente vedado admitir uma falsidade ou destruir a verdade (PLATÃO. Teeteto, 150c 1-2. 151 c 3-5 e d 3. 2007a, p. 54, 55-56).

Os atos pedagógicos são tratados através da analogia com as parteiras. Sócrates toma o exemplo a própria mãe para comparar o ato de ensinar com o ato de acompanhar uma parturiente e garantir pleno sucesso no nascimento de um novo ser humano. A parteira procura garantir as

condições de sucesso da vinda de um novo ser à vida. “Nossa maiêutica (arte da parteira) nos declara que todos os rebentos que nasceram não passam de ovos sem gema (...). Nada mais do que isso minha arte é capaz de executar (...) a favor de todos que exibem beleza física e moral” (PLATÃO. Teeteto, 210c 8-11. 2007a, p. 155).

Os fundamentos do raciocínio lógico

Uma das maiores contribuições de Aristóteles para a ciência foi a de ter elaborado os fundamentos necessários para a elaboração de um raciocínio lógico. A produção de um texto que possa ser considerado científico se constitui numa sequência de argumentos que se entrelaçam numa sequência que precisa ser observada e que acarreta na apropriação teórica da realidade observa e numa representação da substância que foi submetida aos métodos cognoscentes num produto teórico. Este processo se constitui a partir de uma substância que é submetida à apreciação por uma figura humana autora que está situada no espaço e no tempo e que utiliza um conjunto de elaborações teóricas herdadas e a aplicação de um método tendo em vista a obtenção de um resultado.

O raciocínio lógico como se constituindo de um silogismo, ou seja, um encadeamento de afirmações de alcances diversos que devem se apresentar em sintonia entre si. O silogismo é uma locução em que, uma vez certas suposições sejam feitas, alguma coisa distinta delas se segue necessariamente “devido à mera presença das suposições como tais” (ARISTOTELES. Analíticos anteriores, 24b 20-23. 2010a, p. 122). É um “discurso argumentativo” (ARISTOTELES. Tópicos, 100a 25-28. 2010c, p. 347). Uma premissa maior e uma premissa menor se relacionam resultando numa conclusão. “São conteúdos lógicos conectados. Ele elaborou o silogismo como estando composto de três afirmações ou negações (sentenças, ou orações) acerca de uma substância (ou ser), que ele denominou de premissas, ou seja, os elementos necessários para um silogismo.

A premissa é uma oração que afirma ou nega alguma coisa de algum sujeito. Esta oração pode ser universal, particular ou indefinida. Entendo por univer-

sal a oração que se aplica a tudo ou a nada do sujeito; por particular entendo a oração que se aplica a alguma coisa do sujeito, ou não se aplica a alguma coisa deste, ou não se aplica a todo; por indefinida entendo a oração que se aplica ou não se aplica sem referência à universalidade ou particularidade, por exemplo: “contrários são objeto da mesma ciência (ARISTÓTELES. Analíticos anteriores, I 16-23. 2010a, p. 111s).

O silogismo é resultante da junção de três elementos fundamentais que ele próprio denominou de premissas. A estrutura do silogismo se constitui de premissas diferentes: 1) uma premissa maior, ou premissa geral; 2) uma premissa menor, ou premissa particular; 3) a conclusão, que resulta da ligação (relacionamento) entre as duas premissas iniciais. Pode-se elaborar com estas bases, um raciocínio lógico assim: Todo objeto arredondado projeta sombra curvada (Premissa maior). A Terra projeta sombra curvada (Premissa menor). Logo, a Terra é arredondada (Conclusão) (ARISTÓTELES. Analíticos anteriores, 24a 16-30. 2010a, p. 112s).

Os tipos de silogismo

Tipos de silogismos com base em suas elaborações

Os silogismos se distinguem entre si com base em dois fundamentos distintos: o primeiro fundamento está na elaboração de cada silogismo; o segundo fundamento está nos objetivos dos usos dos silogismos nas produções teóricas (tópico b a seguir). No primeiro tipo de fundamento, cada silogismo pode ser classificado como sendo de três tipos diferentes conforme a característica geral que o distingue de outros silogismos. Eles podem ser: 1) Apodítico; 2) Assertório; e/ou, 3) Problemático. O primeiro tipo de silogismo é o apodítico. Este tipo de silogismo é o mais consistente. Trata-se de um “silogismo concluído a partir daquilo que é necessário”. O termo apodítico (Αποδεικτικός [adjetivo de ποδος = pé, ou seja, com sustentação concreta]) = demonstrativo, próprio ao convencimento). Este tipo de silogismo se baseia no que é necessário (αναγκαίος = necessário), e, remete os conteúdos verbalizados para a demonstração e convencimento partindo do que é concreto ou real. O segundo

tipo de silogismo é o assertório. Neste tipo de silogismo “a conclusão se revelará como sendo necessária”. trata-se de um silogismo cujas premissas iniciais se sustentam na argumentação: “(Um silogismo de predicação simples, formado por premissas assertórias)”. Os argumentos despontam das condicionantes vivenciais e nas relações imediatas. O terceiro tipo de silogismo é problemático. Trata-se e uma argumentação “contingente (contingente) (περι δε του ενδεχομενου: sobre o possível) (...). A coisa que quando – não sendo necessária -, ao ser assumida, não acarreta nenhuma impossibilidade”. Este silogismo se constitui de possibilidades de efetivação (ARISTÓTELES. Analíticos anteriores, 33a 21-40. 30-40; 30a 1-5; 15-34; 30b 20-40; 33b 10. 2010a, p. 139-140).

Tipos de silogismos com base nos objetivos das produções teóricas

Os silogismos são elaborados por teorizações que pretendem atingir determinados objetivos: 1) Um silogismo pode procurar demonstrar a maneira como um problema é plenamente resolvido tanto teórica quanto praticamente; 2) Um silogismo também se constitui dialeticamente; 3) Um silogismo pode ser construído com finalidade polêmica. Os objetivos a serem alcançados se constituem de um elemento fundamental que sustentou a construção dos argumentos em qualquer situação teórica e prática (ARISTÓTELES. Tópicos, 100a 1-34. 2010c, p. 376s).

Os silogismos demonstrativos

Os silogismos demonstrativos visam descobrir e apresentar um método que aponte e ensine a produção de raciocínios sustentáveis na comunidade de pensadores e na sociedade. As demonstrações necessitam está fundamentadas em pressupostos cujas características estejam em consonância com a realidade. As afirmações e a realidade à qual se procura avaliar, precisam se relacionar efetivamente para que uma demonstração possa ser concluída e obtida. Aristóteles diz: “O silogismo é demonstração quando procede de premissas verdadeiras e primárias ou tais que tenhamos extraído

o nosso conhecimento original delas através de premissas primárias e verdadeiras” (ARISTÓTELES. Tópicos, 100a 18-40. 2010c, p. 347s).

Os silogismos dialéticos

Os silogismos dialéticos se constituem de conteúdos de interesse geral tanto dos teóricos quanto dos componentes da realidade social e seus interesses.

O silogismo dialético é aquele no qual se raciocina a partir de opiniões de aceitação geral. São verdadeiras e primárias as coisas que geram convicção através de si mesmas, e não através de qualquer outra coisa, pois, no que toca aos primeiros princípios da ciência, faz-se desnecessário propor qualquer questão adicional quanto ao por que, devendo cada princípio por si mesmo gerar convicção (ARISTÓTELES. Tópicos, 100a 30-100b, 18-30. 2010c, p. 348. Grifos da fonte).

Entretanto, pode acontecer que, o silogismo se constitua de conteúdo de interesse geral ou da maioria desta sociedade, mesmo que ela não o tenha assimilado por razões das difusões diversas que dificultam as assimilações deles por parte de interessados.

A proposição dialética é uma questão em consonância com a opinião sustentada por todos, ou pela maioria, ou pelos sábios (todos os sábios, a maioria destes ou os mais afamados entre estes) e que não é paradoxal (A tautologia aqui é inevitável e flagrante pois *παράδοξος* significa precisamente o que é bizarro, extraordinário, contrário à opinião geral), pois a opinião dos sábios seria aceita se não se opusesse aos pontos de vista da maioria. Pareceres semelhantes às opiniões recebidas (e aceitas) também constituem proposições dialéticas, como igualmente o são as proposições formadas mediante a contradição do contrário das opiniões recebidas (e aceitas) (ARISTÓTELES. Tópicos, 104a, 10-16. 2010c, p. 357-358).

As sociedades constituídas de frações contraditórias e antagônicas comportam interesses que são configurados em conteúdos que são difundidos por sicofantas de alguma classe dominante, e,

assim, não são do interesse geral nem da maioria social. A maiêutica socrática se insere aqui como a via educacional necessária para que o conteúdo seja apropriado pelos interessados com sucesso pela maioria, e consigam evitar e rejeitar os conteúdos falaciosos e os falsos “poque me é inteiramente vedado admitir uma falsidade ou destruir a verdade” (PLATÃO. Teeteto, 151d 3. 2007, p. 56).

Os silogismos polêmico ou problemáticos

Os silogismos polêmicos ((επιστικός: adjetivo derivado do substantivo επις (luta, querela, discórdia, rivalidade)), se constituem de conteúdos que se encontram relacionados com divergências entre os teóricos, pois, “embora pareçam produzir raciocínio dedutivo, de fato não o produzem”. Estes silogismos apresentam conteúdos que “embora pareçam receber aceitação geral, de fato não receberam, ou se meramente parece se fundar em opiniões que são, ou parecem ser geralmente aceitas, pois, nem toda opinião que parece receber aceitação geral realmente a recebe” (ARISTÓTELES. Tópicos, 100b 25s. 10a 3-5. 2010c, p. 348. Grifos da fonte).

As figuras dos silogismos

As construções lógicas se constituem de esforços em representar teoricamente o que é observado. As produções teóricas se constituem como figurações do que está sendo observado, pensado e registrado. Aristóteles apresentou três tipos destas representações, o que ele denominou como figurações, e assim, ele as denominou: primeira figura, segunda figura e terceira figura. A primeira figura está composta de “silogismos perfeitos, uma vez que se acham todos completados mediante as suposições originais (...). Todos os tipos de proposições podem ser demonstrados por essa figura, já que ela demonstra tanto conclusões universais quanto particulares”. A denominada figura segunda é quando na construção do silogismo “o mesmo termo se aplica a um sujeito universal e não se aplica a qualquer outro sujeito (em sentido universal), ou quando se aplica ou não se aplica tanto

de um como de outro sujeito (tomado universalmente)”. A característica dos conteúdos dessa figura é apontada por Aristóteles assim: “todos os silogismos nessa figura (segunda) são imperfeitos, porque são todos completados mediante a suposição de certas premissas adicionais que estão necessariamente implícitas nos termos ou são supostas como hipóteses”. A última figura se constitui “no caso de um dos termos se aplica a tudo e o outro a nada do mesmo sujeito ou no caso de ambos os termos se aplicarem a tudo ou nada dele, chamo este tipo de figura de terceira, e nela entendo por (termo médio) aquele do qual são feitas ambas as predicções”. Nenhum outro teórico se preocupou com estas distinções entre figurações (ARISTÓTELES. Analíticos anteriores, 26b 26-34 36-27a 1-5; 28a, 10-35. 2010a, p. 119-124. grifos da fonte).

A produção de conhecimentos

A produção de conhecimentos se inicia na observação de alguma substância (ser) considerando o que pensadores anteriores já sustentam sobre esta mesma substância que está sendo submetida a uma análise. Ele afirma na Metafísica: “Os homens começaram a filosofar, agora como na origem, por causa da admiração, na medida em que, inicialmente, ficavam perplexos diante das dificuldades mais simples; em seguida, progredindo pouco a pouco, chegaram a enfrentar problemas maiores” (ARISTÓTELES. Metafísica, A 9, 992b 12-17. In. REALE, 2005b, p. 63). A observação e visualização de uma substância pode resultar em produções teóricas científicas: “A ciência tem como objeto, essencialmente, o que é primeiro, ou seja, aquilo de que depende e pelo que é denominado todo o resto. Portanto, se o primeiro é a substância, o filósofo deverá conhecer as causas e os princípios da substância” (ARISTÓTELES. Metafísica, Γ 2 1003b 15-19. In. REALE, 2005b, p. :132-133). E, ainda resume: “Ciência do ser enquanto ser” (ARISTÓTELES. Metafísica, Γ 1, 1003 a 21s. In. REALE, 2005b, p. 131).

O conhecimento se efetiva nas respostas fundamentais que são elaboradas e respondidas acerca de uma substância (ser, coisa) que está sendo submetida a uma apreciação. Esta é a base

real das teorizações. “A matéria é substância: de fato, entre todos os movimentos que ocorrem entre opostos há algo que serve de substrato às mudanças” ARISTÓTELES. *Metafísica*, H 1, 1042 a 32-34. In. REALE, 2005b, p. 371). O conhecimento é produzido a partir da sua causa. “Conhecer o que uma coisa é, é o mesmo que conhecer a causa de sua existência” (ARISTÓTELES. *Analíticos posteriores*, VIII, 93a 4-5. 2010b, p. 323). Isto constitui a base real das teorizações como respostas a algumas questões fundamentais. “São quatro os tipos de questões que formulamos, correspondentes aos tipos de coisas que conhecemos. São elas: as questões do o que, do porquê, do se é e do que é ((το οτι, το διοτι, ει εστι τι εστιν), ou seja: as questões são do fato ou do fenômeno, da razão ou da causa, do ser ou essência e da essência)”. O conhecimento explica tudo a partir das causas que fazem com que a coisa (substância, ser), esteja configurada como o escultor Policleto (Aristóteles) tomando um bloco de mármore (matéria); se apropria da imagem do deus Apolo (a forma); utiliza da talhadeira e marreta para transformar o bloco de mármore); efetiva a estátua de Apolo para ser objeto de culto). Em resumo, são quatro causas: 1) Material (essência, substancia, substrato); 2) Formal (modelo que provocou as modificações na matéria); 3) Eficiente (o princípio e agente que executa as mudanças; 4) Final (qual a finalidade que a coisa modificada realiza) (ARISTÓTELES. *Metafísica*, A 3-10. In. REALE, 2005b, p. 15. Grifos da fonte).

A substância (ser) está numa situação não é permanente, mas, em movimento. “O ser ou é só em ato, ou é em potência, ou é, ao mesmo tempo, em ato e em potência: e isso se verifica seja na substância, seja na qualidade, seja nas categorias restantes” ARISTÓTELES. *Metafísica*, K 9, 1065 b 5-7. In. REALE, 2005b: 519), e, um ser imóvel e eterno é uma divindade. “A Filosofia enquanto ‘Ciência teológica (θεολογική)’ (ARISTÓTELES. *Metafísica*, E 1, 1026 a 19; K 7, 1064 b 3. In. REALE, 2005a, p. 43, e, IDEM, 2005b, p. 513) analisa o “ser supremo”. A concretude se apresenta em ação (em ato) e como possibilidades de ser (potência): um vir-a-ser (em movimento). A essência deve ocupar o foco central dos argumentos e as formas de manifestações da substância são secundárias. “A relação, dentre as categorias, é a que possui menos ser e menos realidade é posterior à qualidade e quantidade” ARISTÓTELES. *Metafísica*, N 2, 1088 a 22-24. In. REALE, 2005b: 663, e, 2005a, p. 73).

O quadro a seguir esclarece essa situação.

Quadro nº 2 As indicações da substância e as suas manifestações em Aristóteles.

| | | | |
|-----------------------------|------------------|-------------------------|-----------|
| 01- Substância ou essência. | = Ούσια, τί ἐστι | 06 - Paixão ou padecer. | = Πάσχειν |
| 02 - Qualidade. | = Ποιόν | 07 - Onde ou lugar. | = Πού |
| 03 - Quantidade. | = Ποσόν | 08 - Quando ou tempo. | = Ποτέ |
| 04 - Relação. | = Πρόσ τι | 09 - Ter. | = Ἐχειν |
| 05 - Ação ou agir. | = Ποιείν | 10 - Jazer. | = Κεῖσθαι |

ARISTÓTELES. *Metafísica*, Δ 7, 1017 a 22 ss. In. REALE, 2005a, p. 74, e, IDEM, 2005b, p. 213-217).

A essência e as aparências fundamentam as comparações entre substâncias diferentes, cuja forma de comparações foi elaborada por Aristóteles.

A semelhança deve ser examinada em coisas pertencentes a diferentes gêneros – como A está para B, assim está C para D (por exemplo, tal como o conhecimento está relacionado com o objeto do conhecimento, está a sensação relacionada com o objeto da sensação) e também como A está em B, assim está C em D (por exemplo, tal como está a visão no olho, está a razão na alma e tal como há tranquilidade no mar, há ausência de vento no ar) (...). A descoberta da diferença é proveitosa para silogismos acerca de identidade e diferença quanto para o reconhecimento do que é alguma coisa particular (ARISTÓTELES. *Tópicos*, 108a 6-12; 38-40. 2010c, p. 369-370).

As aplicações desta norma comparativa ocorrem desde o cálculo de um problema com regra de três, cálculos de taxas estatísticas e econômicas e, também, comparações entre períodos socioeconômicos e históricos qualitativos em diversas áreas do saber humano.

A solidez dos argumentos

A solidez dos argumentos se inicia com a observância dos silogismos na produção dos textos, o que Jacques Maritain denominou como “lógica menor ou lógica formal” (MARITAIN, 1983).

Esta base não atende a todas as exigências das fundamentações das produções teórico-científico. O problema vai muito além das exigências dos silogismos.

O conhecimento não pode se reduzir a argumentos solecistas, ou seja, argumentos produzidos sem considerar a comunidade dos que os produzem, sustentando somente conteúdos essencialmente pessoais à semelhança dos chamados sofistas.

Sempre examinar os próprios argumentos e verificar se procedem com base em princípios de aplicação geral, pois todos os argumentos particulares são também argumentados universalmente e a demonstração do universal é inerente àquela do particular, porque é absolutamente impossível raciocinar dedutivamente sem empregar o universal (ARISTÓTELES. Tópicos, 164a 6-11. 2010c, p. 542).

Aristóteles ainda sustenta a necessidade de se evitar a mudança de gênero durante uma mesma demonstração.

Não é possível demonstrar uma coisa passando de um gênero a outro (*μεταβασης εις αλλο γενος*), digamos demonstrar uma proposição geométrica por meio da aritmética. Três fatores estão presentes na demonstração: (1) a conclusão que se requer demonstrada, ou seja, a aplicação de um predicado essencial a algum gênero; (2) os axiomas que sevem de fundamento à demonstração; (3) o gênero subjacente, cujas modificações ou predicados essenciais são revelados pela demonstração. Ora, quando estamos diante de gêneros distintos como por exemplo, a aritmética e a geometria, ainda que a base de demonstração possa ser a mesma, não é possível aplicar a demonstração aritmética aos predicados doas grandezas, salvo se as grandezas forem números (ARISTÓTELES. Analíticos posteriores, Liv. I, cap. VII 74b 36-39, 75b1-6. 2010b, p. 266-267. Grifos da fonte).

As mudanças de gênero nos procedimentos demonstrativos se constituem num erro que não pode ser tolerado, pois, impede a compreensão dos argumentos pelo conjunto dos pensadores. Um exemplo dessa situação está em Jevons (BARBOSA, 2024).

As condições gerais do raciocínio

O raciocínio se efetiva nas expressões que comportam características que vão além dos aspectos da logicidade. A elaboração de um conteúdo sobre algo precisa atender condições de validade sobre o que está sendo submetido a uma apreciação racional. Kant reduziu o alcance das produções teóricas aos limites da racionalidade com seus conceitos operacionais à priori desconsiderando a realidade concreta (KANT, 1999, p.), e Foucault o seguiu ao inserindo as elaborações racionais nas tendências socioeconômicas do período pós Segunda da Guerra Mundial numa postura sicofanta que sustenta a impossibilidade da crítica transformadora da realidade (FOUCAULT, 1987, 67-68). Hegel publicou a “Ciência da Lógica” (HEGEL, 1974, p. 11-162), que trata de questões para além da lógica formal como também Lefebvre (LEFEBREVE, 1982).

Aristóteles sustenta quanto as condições racionais de elaboração que “toda proposição e todo problema indicam ou um gênero, ou uma peculiaridade, ou um acidente, visto que a diferença também, sendo de caráter genérico, deve estar na esfera do gênero” (ARISTÓTELES. Tópicos, 101b 16-20; 2010c, p. 350s. Grifos da fonte). Com isso, o filósofo apresenta cuidados nas referências aos aspectos reais do submete a uma consideração teórica. E, esclarece o que está sendo referido com o termo gênero.

O gênero é aquilo que é predicado (afirmado) na categoria do o que é (τι εστι κατηγοροεον: categoria da substância) de coisas diversas que diferem do ponto de vista do tipo. Predicamos na categoria do o que é podem ser descritos como as coisas que estão apropriadamente contidas na resposta de alguém a quem fora perguntado: “Qual é o objeto diante de ti?” Por exemplo, no caso do ser humano, se alguém perguntou o que é o objeto diante dele, é apropriado que diga “Um animal” (ARISTÓTELES. Tópicos, 101b, 31-37. 2010c, p. 350-353. Grifos da fonte).

É necessário ainda ter atenção ao alcance da figuração do concreto em consideração.

O acidente é aquilo que, não sendo nem definição, nem propriedade, nem gê-

nero, ainda assim tem pertinência com a coisa. Ademais, é alguma coisa que pode se aplicar ou não aplicar a qualquer coisa particular; por exemplo, “uma posição de sentado” pode se aplicar ou não se aplicar a alguma coisa particular. (...). A segunda destas definições de acidente é a melhor, pois quando a primeira é enunciada, é necessário, se pretendemos que seja entendida, saber de antemão o que significam definição, gênero e propriedade, ao passo que a segunda basta por si mesma para nos capacitar a conhecer o que significa, sem qualquer outro recurso adicional (ARISTÓTELES. Tópicos, 102b, 4-14. 2010c, p. 353. Grifos da fonte).

As considerações teóricas devem ser elaboradas com sabedoria suficiente para saber as figurações tratam de aspectos accidentais ou essenciais. Os aspectos accidentais de algo são muito mais instáveis e podem se modificar sem alterar a coisa submetida a uma figuração. Com isso, quem teoriza dispõe de sabedoria para avaliar os próprios limites teóricos e práticos. Aristóteles destaca o conjunto de conceitos e proposições teóricas e práticas que estão consolidadas acerca das considerações sobre a coisa em questão.

Aquele que está prestes a fazer indagações necessita, antes de qualquer outra coisa, escolher o terreno (τοπον) do qual deve desferir seu ataque; em segundo lugar, precisa formular suas questões e organizá-las uma a uma em sua própria mente; em terceiro e em último lugar, deve proceder a dirigi-las a uma outra pessoa. No que concerne a escolha do terreno, o filósofo e o dialético estão numa situação análoga, mas a organização subsequente do material e a construção das questões constituem o domínio característico do dialético, uma vez que tal procedimento envolve sempre uma relação com outra parte (ARISTÓTELES. Tópicos. 153b, 3-12. 2010c, p. 517. Grifos da fonte).

As perplexidades diante de alguma realidade observada fazem o cérebro elaborar questões para as quais buscará respostas. As questões e suas respostas se efetivam em que observadores e formuladores das questões se encontram inseridos com as próprias teorias e posicionamentos na realidade, como podem ser vistas no tópico seguinte.

O CONTEXTO SOCIOECONOMICO E POLÍTICO DOS RACIOCÍNIOS

A localização de quem produz conhecimentos nos contextos socioeconômico e político é o grande fundamento das manifestações teóricas como (des)comprometidas com alguma classe social de uma sociedade formada em classes sociais com um modo de produção dominante juntamente com o regime político vigente.

O método sofisticado

O método sofisticado consiste essencialmente na falta de preocupação ou na falta de distinção entre o que é essencial e o que é acidental nas figurações do que está sendo submetido a uma apreciação. Aristóteles assim expressou:

Há o método sofisticado, pelo qual conduzimos o interlocutor ao tipo de asserção contra a qual dispomos de copiosos argumentos. Este expediente será às vezes necessário, às vezes parecerá apenas necessário e, às vezes, nem será nem parecerá necessário. É necessário quando, após aquele que respondeu ter negado algum ponto que seja útil no emprego contra a tese, aquele que pergunta dirige suas observações em apoio desse ponto e acontece de ser um tipo sobre o qual é possível dispor de muitos argumentos (...). Ele parece estar completamente divorciado da dialética, além de lhe ser totalmente estranho (ARISTÓTELES. Tópicos, V 111b 31-39. 112a 9-12. 2010c, p. 381s).

As arguições tipicamente sofisticadas se baseiam na procura de causar dificuldades a quem está sendo arguido. Isso acontece quando as questões são formuladas com foco, não na essência da coisa (ser, substância, objeto) que está sob considerações, mas, em detalhes acidentais quanto ao que está sendo submetido às arguições.

Falácias ligadas ao acidente ocorrem quando é sustentado que algum atributo pertence simultaneamente ao sujeito e ao seu acidente, pois uma vez que o mesmo sujeito possui muitos acidentes, não se segue necessariamente que

todos os mesmos atributos se apliquem a todos os predicados de uma coisa e também ao sujeito (ARISTOTELES. Refutação dos sofistas. V 166b 30-35. 2010d. p. 552).

Os sofistas são superficiais e vagueiam nelas como se tratassem da coisa em si mesma. Esse procedimento faz com que pareçam grandes conhecedores, porém, não passa de enganadores profissionais. Eles ainda erram como solecistas, ou seja, desconsideram o conjunto dos pensadores com as de teorias consolidadas.

Conveniente que dispuséssemos de um bom suprimento de definições, tendo prontas as das ideias mais conhecidas e primárias, pois, é por meio destas que os silogismos são construídos. seria igualmente conveniente experimentar e aprender as classes nas quais os outros argumentos mais frequentemente se enquadram, pois, tal como na geometria é útil ter sido treinado nos elementos, e na aritmética dispor de um pronto conhecimento da tabela de multiplicação (ARISTOTELES. Refutação dos sofistas. XIV 163B 19-27. 2010d. p. 542).

Este se torna um dos aspectos mais notáveis das falácias. O erro solecista consiste na sustentação isolada de um conteúdo e/ou por algum teorizador de uma proposição particular como se fosse de caráter universal, e sustentada sem os fundamentos essenciais.

Argumentos examinacionais

Os argumentos examinacionais despontam num contexto em que interrogadores e respondentes se deparam com base num conjunto de questões que podem despontar diante das leituras de um texto relacionado com a realidade da qual ele é uma figuração.

A função do interrogador é de tal forma orientar a discussão que faça o respondente proferir as respostas mais implausíveis que possam resultar necessariamente de sua tese. A função do respondente é fazer parecer que o impossível ou o paradoxal (*το αδυνατον η το παραδοξον*) não é falha sua, sendo devido à tese, porque possivelmente formular a tese errônea originalmente

constitui um tipo diferente de erro daquele que consiste em não a manter adequadamente após alguém a ter formulado (ARISTÓTELES, Tópicos. 159a, 18-24; 2010c, p. 528. Grifos da fonte).

As contraposições entre quem está na condição de interrogar e de quem está na condição de interrogado comporta preocupações diferentes. A linguagem comum entre uma e outra parte é a base para consolidar as contribuições teóricas e práticas que estão sendo propostas e sustentadas por quem está sob as arguições. “Quando a questão é compreensível, mas pode comportar mais de um significado, supondo então que o que expressa é verdadeiro ou falso em todos os casos, ele terá que assentir ou negar absolutamente” (ARISTÓTELES. Tópicos, 1560a, 24-27. 2010c, p. 53).

O domínio da temática pode acontecer sem o pleno domínio da linguagem usual. essa situação pode causar dificuldades na sustentação dos argumentos.

Se não previu a ambiguidade, mas assente quando apenas percebeu um significado, deverá dizer ao interlocutor ao passar ao outro significado: “Não era este significado que eu tinha em vista, mas ou outro, quando assenti”, pois quando diversas coisas se enquadram no mesmo termo ou expressão, surge facilmente a discordância (ARISTÓTELES. Tópicos, 1560a, 28-34. 2010c, p. 532).

Aristóteles chama a atenção para as ambiguidades de determinados termos usuais na construção dos conteúdos apresentados para as arguições e efetivação de teorias. Pode acontecer que as discordâncias se sustentem, não no que está sendo apreciado, mas, simplesmente na maneira como a apresentação dos conteúdos se efetiva.

Argumentos falaciosos

Os argumentos falaciosos revelam as posturas de quem produz as teorizações relacionadas com a realidade em questão. As falácias não correspondem à verdade em aspectos essenciais sobre

os quais tecem considerações. “O ser se diz em múltiplos significados, mas sempre em referência a uma unidade e a uma realidade determinada. O ser, portanto, não se diz por mera homonímia, mas do mesmo modo como dizemos “salutar” tudo o que se refere à saúde” (ARISTÓTELES. Metafísica, Γ 2, 1003 a 33-35. In. RELAE, 2005b: 131). Aristóteles delimita quatro sentidos dos argumentos falaciosos.

Classifica-se um argumento de falacioso em quatro sentidos distintos; (1) quando parece ser conduzido a uma conclusão quando isso realmente não acontece (o chamado silogismo contencioso); (2) quando ele atinge uma conclusão, porém não a conclusão proposta, o que acontece mais frequentemente nas *reducciones ad impossibile*; (3) quando alcança a conclusão proposta, mas não pelo método apropriado, isto é, quando um argumento não médico parece ser médico, ou quando um não geométrico (parece ser) geométrico, ou um não dialético parece ser dialético, quer o resultado seja verdadeiro ou falso; e (4) quando a conclusão é alcançada por meio de falsas premissas, caso no qual a conclusão será às vezes falsa e, às vezes, verdadeira, pois uma falsa conclusão é sempre atingida mediante falsas premissas, mas uma verdadeira conclusão pode ser atingida mesmo a partir de falsas premissas (ARISTÓTELES. Tópicos, 162a 10ss. 2010c, p. 538. Grifos da fonte).

A falácia falha no conteúdo intencional por incapacidade argumentativa. Qualquer argumento precisa levar a uma conclusão a partir argumentos logicamente consistentes. Os argumentos falaciosos são defeituosos e/ou insustentáveis em algum aspecto considerável dos fundamentos lógicas e dos conteúdos (MANCIE, 2017).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relevância dos filósofos clássicos da Grécia antiga se destaca por terem sido pioneiros em muitos aspectos e fundamentos das elaborações dos argumentos tanto da sustentação lógica formal quanto das relações entre os conteúdos a as realidades vivenciais humanas com as suas nuances socioeconômicas políticas e culturais coma postura epistemológica que proporciona solidez aos

conteúdos teóricos. Com isso, torna-se descabida as afirmações que menosprezam as diferenças entre os filósofos e os sofistas.

A crise da democracia ateniense com a guerra do Peloponeso foi o contexto social que fez com que Isócrates observasse e registrasse as variações dos posicionamentos pessoais que em vez de sustentar uma postura universal e popular, houve quem preferisse garantir vantagens pessoais com agrados ao regime aristocrático, e, os denunciar como sicofantas. Platão contribui tanto com as ciências quanto com a proposição de uma educação dialogal entre quem ensina e quem aprende. Aristóteles elaborou os fundamentos da lógica formal e das relações entre os conteúdos dos argumentos na relação entre o ser e a epistemologia. Estes filósofos realizaram a primeira revolução teórica ao fundamentar o conhecimento humano com posicionamentos teóricos relacionadas com a realidade.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. “Analíticos anteriores”. In. IDEM. Órganon. Categorias. Da Interpretação. Analíticos anteriores e posteriores. Tópicos. Refutações Sofísticas. 2ª Ed. São Paulo: EDIPRO, 2010a, p. 111-250.

_____. “Analíticos posteriores”. In. IDEM. Órganon. Categorias. Da Interpretação. Analíticos anteriores e posteriores. Tópicos. Refutações Sofísticas. 2ª Ed. São Paulo: EDIPRO, 2010b, p. 251-345.

_____. “Tópicos”. In. IDEM. Órganon. Categorias. Da Interpretação. Analíticos anteriores e posteriores. Tópicos. Refutações Sofísticas. 2ª Ed. São Paulo: EDIPRO, 2010c, p. 347-543.

_____. “A refutação dos sofistas”. In. IDEM. Órganon. Categorias. Da Interpretação. Analíticos anteriores e posteriores. Tópicos. Refutações Sofísticas. 2ª Ed. São Paulo: EDIPRO, 2010d, p. 545-608.

BARBOSA, C. “Uma crítica à Teoria da Economia Política de William Jevons”. In. DICMANN, I. (Org.). Rosa dos ventos. Vol. I. Veranópolis: Diálogo Freiriano, 2024, p. 52-76.

FOUCAULT, M. Nietzsche, Freud e Marx. Theatrum Philosophicum. São Paulo: Editora Princípio, 1987.

GUTHRIE, W. K. C. Os sofistas. São Paulo: PAULUS, 1995.

HEGEL, G. F. W. Enciclopedia de las Ciencias Filosoficas: Lógica. Filosofia de la naturaleza. Filosofia del Espíritu. Mexico: Juan Pablo Editor, 1974, p. 11-162.

ISÓCRATES. Discursos I. Madri: Editoria Gredos, 1979.

LAERTIOS, D. Vida e doutrina dos filósofos ilustres. 2ª ed. Brasília: UnB, 2008.

LEFEBREVE, H. Lógica formal e lógica dialética. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1982.

MANCE, E. Falácias de Moro. Passo Fundo: Editora do IFBE, 2017.

MARITAIN, J. Elementos de filosofia II: a ordem dos conceitos. Lógica menor (Lógica formal). 10ª edição. São Paulo: Editora Agir, 1983.

PEREIRA, I. Dicionário grego-português e português-grego. 6ª edição. Porto: Livraria Apostolado da Imprensa, 1984.

PLATÃO. A República. 5ª ed. Lisboa: Fundação Caloute Gulbenkian. 1987.

_____. “Teeteto”. In. IDEM. Diálogos I. Teeteto (ou do conhecimento), Sofista (ou do ser), Protágoras (ou sofista). Bauru: EDIPRO, 2007a, p. 41-156.

_____. “Sofista”. In. IDEM. Diálogos I. Teeteto (ou do conhecimento), Sofista (ou do ser), Protágoras (ou sofista). Bauru: EDIPRO, 2007b, p. 156-247.

_____. “Protágoras”. In. IDEM. Diálogos I. Teeteto (ou do conhecimento), Sofista (ou do ser), Protágoras (ou sofista). Bauru: EDIPRO, 2007c, p. 249-320.

REALE, G. (Org.). Aristóteles. Metafísica. Vol. I. 2ª Edição. São Paulo: Loyola, 2005a.

_____. Aristóteles. Metafísica. Vol. II. 2ª Edição. São Paulo: Loyola, 2005b.

_____. Aristóteles. Metafísica. Vol. III. 2ª Edição. São Paulo: Loyola, 2005c.